

## POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGEM DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO NUMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA INTERDISCIPLINAR\*

LEARNING POSSIBILITIES FOR THE UNIVERSITY PROFESSOR IN AN INTERDISCIPLINARY PEDAGOGIC EXPERIENCE

MARIA MAGÁLIA GIACOMINI BENINI\*\*

VALESKA FORTES DE OLIVEIRA\*\*\*

### RESUMO

Neste trabalho, desenvolvido na Linha de Pesquisa Formação de Professores do Centro de Educação da UFSM, na disciplina articuladora do Curso de Pedagogia nos Anos Iniciais e na Educação Infantil: PED I, contribuimos para essa disciplina inovadora que se constrói através do planejamento coletivo, fazendo-se compreender pelos princípios metodológicos interdisciplinares. A pesquisa está voltada ao processo de formação e autoformação do professor universitário, através das Histórias de Vida de cinco professores em exercício docente na PED I no primeiro semestre de 2005. O trabalho investigativo possibilitou conhecer os processos formativos e as representações desses formadores, bem como conhecer as aprendizagens dos professores universitários e os saberes construídos nas suas experiências vivenciadas na PED I. Sistematizamos, em resultado, a PED I como espaço/tempo de compartilhamento de saberes, de troca de experiências, de articulação disciplinar em que vai se constituindo o professor formador. Compreendemos que as experiências docentes são produtoras de saberes e que as anteriores à universidade são importantes ao exercício da docência no ensino superior. A PED I é uma experiência teórico-metodológica inovadora/interdisciplinar que pode se constituir em processo aprendente para o formador.

**Palavras-chave:** Formação/autoformação; Interdisciplinaridade; Inovação universitária; Processo aprendente.

### ABSTRACT

*This paper was developed in the Teacher Formation Research Line at the Education Center at UFSM, in the articulator subject of the Pedagogy Course with Beginning Years and Grammar School: PED I, this innovating subject keeps being constructed through the collective planning and is understood by the interdisciplinary methodological principles. The research is dedicated to the formation and self-formation process of the university professor, through the life stories of five teachers working in PED I in the first semester of 2005. The investigative work allowed to get to know the formative processes and the representations of these formers, as well as to know the experiences in PED I. We organized, in results, PED I as a space/time for knowledge sharing, experience exchange, subject articulation in which the formatting professor constitutes himself. We understand that the teaching experiences are knowledge producers and that the ones before university count for the teaching practice at the university. PED I is a theory-methodological innovating/interdisciplinary experience that can be constituted in learning process for the university professor.*

**Keywords:** Formation/self-formation; Interdisciplinary; University innovation; Learning process.

\* Este artigo é parte da Dissertação de Mestrado **Possibilidades de aprendizagens do professor universitário numa experiência pedagógica interdisciplinar**, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, em 02 de outubro de 2006.

\*\* Autora, Mestre em Educação.

\*\*\* Orientadora, Professora Doutora em Educação.

## **APRENDIZAGENS NA DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR: PROBLEMATIZAÇÃO DA PED I COMO ESPAÇO DE COMPARTILHAMENTO**

[...] é abundante a produção sobre a universidade, mas continuam faltando visões de conjunto que permitam, ao menos a quem nela trabalha, fazer uma idéia completa e precisa do sentido e da dinâmica da universidade (ZABALZA).

A PED I é uma experiência pedagógica inovadora, de caráter interdisciplinar, do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria (CE/UFSM) que, dentro de um processo teórico-metodológico de compartilhamento, assume o exercício articulador do conhecimento entre as demais disciplinas do semestre. O texto de Zabalza (2004), em epígrafe, permite que olhemos a PED I como possibilidades de aprendizagem do professor universitário, na tentativa de uma visão conjunta e articulada como elemento de formação e autoformação.

O artigo considera os processos formativos que foram construídos e as representações dos professores universitários atuantes na experiência inovadora, bem como as aprendizagens dos professores formadores na vivência da PED I, cuja proposta interdisciplinar aconteceu no primeiro semestre de 2005. O foco central da pesquisa orienta-se no processo aprendente do professor formador.

Essa experiência fundamenta-se no Projeto Político Pedagógico (PPP) do Curso de Pedagogia (UFSM), no que diz respeito à nova Matriz Curricular, embasada nas Resoluções do Conselho Nacional de Educação – CNE/CP - de 01 / 2002 (Graduação/Plena) e 2 / 2002 (duração/

carga horária), perpassando pela formação inicial e pelo exercício docente do professor formador. É por meio do movimento compartilhado, da troca de saberes, da troca de experiências que acontece o processo metodológico de caráter interdisciplinar necessário para a superação do fragmento existente entre as disciplinas. Nessa dinâmica, acontece um redimensionamento de aspectos da formação inicial e também uma reestruturação de

[...] práticas pedagógicas inerentes aos professores-formadores atuantes no Curso. Estes professores, através de projetos de ação conjunta, articularão a prática educativa do semestre e do Curso. Essa modalidade de trabalho visa romper a superposição de conteúdos e propõe uma articulação interdisciplinar para a realização das atividades práticas previstas, transversalizando a proposta formadora, do primeiro ao oitavo semestre (PPP do Curso de Pedagogia - CE/UFSM, 2002).

A pesquisa aponta para a produção do conhecimento de forma compartilhada, sendo que a intencionalidade dessa investigação se acende/ascende não mais para práticas individuais da docência convencional e, sim, para um trabalho coletivo/cooperativo do professor formador. Diante disso, compreendemos que o processo implica, para o professor, não somente mobilizar e aprofundar conhecimentos de sua disciplina, como também entender o conhecimento das outras áreas no qual intervém. A PED I é uma experiência que propicia essa prática como instrumento relevante de ensino e de aprendizagem na formação continuada da docência no Ensino Superior.

Conforme depoimentos da comunidade produtora de argumentação (MARQUES, 2002) - que são os professores formadores convidados a serem sujeitos/atores da pesquisa - percebemos como a PED I é entendida por esses formadores<sup>1</sup>, visto que não é uma disciplina pronta, completa, mas aberta, complexa, em construção, na qual esse construto vai tramando rede por meio do planejamento conjunto, ou seja, pela interdisciplinaridade. São recortes dos sujeitos/atores:

A PED tem o significado de tentar fazer uma certa síntese, ou seja, a chamada interdisciplinaridade através dos conteúdos afins. [...] A interdisciplinaridade deve acontecer de uma forma natural. É uma construção tão bonita, tão natural, entra até sentimentos, uma relação bem humana ali [...] se dá no processo de relações, de experiência, pelo processo de vivências das disciplinas (SUJEITO/ATOR V).

A PED é um momento em que nós estamos articulando questões que devem retornar depois para cada disciplina. [...] o mais importante é poder sentar com meus colegas, meus colegas de PED, que dão aula no mesmo semestre, e discutir, construir uma disciplina, que não tem um conteúdo programático pronto [...], que essa disciplina nós estamos construindo (SUJEITO/ATOR IV).

A PED objetiva articular todas as disciplinas de um determinado semestre, devendo se situar numa interdisciplinaridade. [...] que você deva expor o seu conhecimento disciplinar e compartilhar esse conhecimento com seus colegas, tentando realmente relacionar o que existe de comum na sua disciplina com as outras disciplinas e construir um conjunto de saber interdisciplinar (SUJEITO/ATOR III).

Os professores formadores do semestre devem construir e/ou possibilitar a concretização de projetos coletivos que se encaminhem a práticas formativas comuns, desenvolvidas dentro dos eixos temáticos referentes. De acordo com as observações da pesquisa de campo, a PED I vai se construindo a partir do planejamento compartilhado de saberes, da troca de experiências entre os pares, da realização de seminários, da reflexividade da ação conjunta, fazendo-se compreender pelos princípios metodológicos da interdisciplinaridade.

Em tais confluências é que o professor deve tomar consciência de seu processo de formador. Ele deve refletir sobre fenômenos existentes na sua ação pedagógica e estar consciente dos efeitos desses fenômenos no ensinar e aprender. Para as pesquisadoras Isaia e Bolzan (2005), ao longo da trajetória docente, o professor vai se [trans]formando. A tessitura de uma rede de interação para a construção do conhecimento de forma compartilhada alicerça processos de aprendizagem. “Apontar para a importância da construção de uma rede de mediações capaz de propiciar a formação de professores vista como um espaço interdisciplinar de compartilhamento pedagógico” é relevante e necessário (ISAIA; BOLZAN, 2004, p. 121).

À medida que o professor formador discute, de forma compartilhada, a complexidade da docência numa postura reflexiva, buscando formar/autoformar-se, ele está na celebração de se constituir como aprendente. A PED possibilita essa postura reflexiva interdisciplinar por meio dos eixos temáticos articuladores. O eixo articulador

<sup>1</sup> Os professores formadores, que exerceram sua docência no primeiro semestre de 2005 e que são produtores da argumentação necessária para esta pesquisa, são chamados de comunidade produtora (em homenagem ao escritor Mário Osório Marques – reitor da Unijuí, Faculdade em que fiz minha graduação). Na decorrência do texto, nomeio-os também de sujeitos/atores. Os números romanos pelos quais os identíficos provêm de um sorteio em dobradilhas de papel com seus nomes verdadeiros na ordem da premiação.

de cada PED<sup>2</sup> objetiva organizar a temática proposta em sua ementa, dinamizando as áreas do conhecimento com as práticas formativas. O espaço/tempo da pesquisa centra-se na PED I e se faz presença articuladora pelo eixo temático de interesse “Educação, Tempos e Espaços”.

Compreendemos, por intermédio das falas dos sujeitos/atores, que é desse planejamento inicial que se desencadeiam todas as atividades do semestre que, por sua vez, vão construindo a PED I. Foi oportunizado espaço de opinião aos alunos do referido semestre para direcionarem juntos os “que/fazerem”, as atividades que melhor espelhassem a produção do conhecimento desejado. Esse espaço discente é necessário, pois, de acordo com o Projeto Político Pedagógico do Curso (2002), um trabalho desenvolvido compartilhadamente pelos docentes e discentes de um Curso, sendo estes mediadores reflexivos, sustenta propostas de formação mais condizentes com as necessidades acadêmicas e, ao mesmo tempo, desencadeia práticas investigativas na escola, considerando as exigências da sociedade.

O planejamento da PED I em investigação aconteceu quinzenalmente, com cada grupo envolvido: reuniões organizacionais, seminários, discussões temáticas, encontros para decisão de materiais pedagógicos condizentes com as necessidades acadêmicas. Em alternância quinzenal, aconteceram dezoito encontros: oito apenas com os professores envolvidos no planejamento e dez com a participação conjunta de professores e alunos.

Esses encontros, pela sua organização e participação, encaminham-se à formação con-

tinuada e autoformação para os professores formadores inseridos no processo. Trata-se de um espaço/tempo que pode ser de discussões em busca de alternativas para a superação de problemas, de enfrentamentos, de desafios do contexto educativo, tanto para o professor formador na condição de aprendente, quanto para o discente no que diz respeito à atuação como profissional e como construtor de sua própria profissionalização.

A prática docente deve prever uma inserção efetiva do futuro professor no cotidiano escolar. O contato articulador entre a academia e a escola pode acontecer por meio das PEDs, porque é uma prática que encaminha o discente ao contato com as escolas desde o primeiro semestre, levando-o a integrar-se com as redes de ensino público e privado. A Matriz Curricular configura-se a partir da compreensão de que o futuro profissional forma sua identidade no cotidiano docente. Para isso, o PPP do Curso de Pedagogia da UFSM, em consonância com Diretrizes Curriculares aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação (2002, p. 34), aponta para a necessidade de que o professor divulgue não apenas a sua especificidade do conhecimento:

[...] o profissional em formação deverá experienciar, ao longo de sua formação, vivências que integrem as disciplinas de cada semestre. É necessário, então, promover atividades constantes de aprendizagem colaborativa e de interação, de comunicação entre os professores em formação, e deles com os formandos, uma vez que tais aprendizagens necessitam de práticas sistemáticas para se efetivarem.

<sup>2</sup> A PED é uma disciplina que apresenta eixo temático articulador diferente em cada semestre. A programação da disciplina articuladora modifica-se também a cada semestre e é planejada de acordo com o referido eixo temático. Nesse caso (PED I), o eixo temático é “Educação, Tempos e Espaços”, ficando a cargo do grupo de professores envolvidos planejar, executar, avaliar conjuntamente as atividades propostas e desenvolvidas no referido semestre, bem como fazer a relação com o referido eixo temático articulador.

O professor universitário deve ter consciência de seu mérito por estar em formação continuada, ou seja, formação permanente, acompanhando as redes públicas e privadas de ensino em seu cotidiano escolar, junto a seus alunos. O professor deve também reconhecer que esse processo contínuo de formação pode se constituir nos princípios de uma tessitura interdisciplinar aprendente, assim como seus alunos, futuros profissionais dessas redes, também são merecedores de uma formação consolidada na experiência do compartilhamento, na troca, visando à formação como um todo, de acordo com os desejos da sociedade em movimento.

O planejamento coletivo das disciplinas que constituem a PED I deve se encaminhar a questões que sustentem a articulação do eixo temático “Educação, Tempos e Espaços”, balizador desta investigação. Talvez esse planejar junto/coletivamente seja um tanto difícil, mas, de acordo com Mário Quintana (poeta gaúcho), se as coisas parecem ser inatingíveis, não é motivo para não querê-las, para não buscá-las. Nesse olhar poético, é possível acreditar na experiência teórico-metodológica articuladora do conhecimento e pensar na inovação como espaço/tempo de formação e autoformação.

O eixo articulador “Educação, Tempos e Espaços” refere-se aos conhecimentos básicos do pensamento formador nos campos da Psicologia da Educação, História da Educação, Sociologia da Educação, Filosofia da Educação, Educação Especial, Bases da Pesquisa e suas articulações com as práticas docentes. Nesse eixo articulador, o professor formador pôde situar seus conteúdos nos tempos e espaços da formação profissional, interligando-se aos conteúdos das outras disciplinas. “A gente se torna aprendente sim na PED”: essa fala é do sujeito/ator III, entrevistado

sob a ótica do professor que aprende quando em planejamento conjunto na construção dessa disciplina articuladora.

As palavras têm um significado muito profundo, porque tudo está inserido em um tempo e um espaço em diferentes situações. O sujeito/ator III assim comenta a questão: “tempos e espaços na vida dos seres humanos é algo similar [...] os alunos e professores vêm à universidade com celeridade diferente, com velocidade diferente [...] nós precisamos dar identidade a esse eixo”. O sujeito/ator II comenta que “a gente procurou realmente situar a nossa experiência para esse eixo, a gente conseguiu essa relação”. Tempos e espaços trabalhados na PED I nos proporcionaram conhecer certas características, certas peculiaridades na produção do conhecimento e nas relações interpessoais.

Nesse sentido, compreender o processo de construção do conhecimento compartilhado implica romper com o tradicional, criar condições de troca de experiência entre os pares e instituir representações conscientes de situações favoráveis para o exercício docente. Esse processo é inovação na docência universitária.

### **EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS PRODUTORAS DE SABERES PARA ALÉM DE APONTAR DEFICIÊNCIA NA FORMAÇÃO DO FORMADOR: PED I COMO METODOLOGIA INOVADORA**

Vale acreditar no professor como alguém que produz conhecimento a partir de seu trabalho e da teorização do mesmo (CUNHA).

A formação, como função básica do ensino universitário, suscita um olhar analítico às práticas desenvolvidas no contexto da sociedade.

No ensino superior, depara-se com a necessidade de que o formador mexa com experiências desafiadoras, produtivas, conectadas à realidade, tornando-as prazerosas e empíricas desde o primeiro semestre da graduação. A PED I procura abraçar o desejo desse movimento num processo de inovação. Constatamos a assertiva na boniteza (conforme mestre Freire) das entrevistas realizadas com os sujeitos/atores da pesquisa.

Afirmamos que cada tarde de realização das entrevistas foi significativa pelos estudos sobre formação e autoformação, sobre docência no Ensino Superior; cada momento demarcado para transcrição é momento de flexibilidade, de produção de conhecimento nas linhas e nas entrelinhas escritas. Consideramos as entrevistas como atividades reflexivas das práticas, como momento de formação continuada e como momento de situações aprendentes. Por isso, vale acreditar no professor que produz conhecimentos a partir da docência.

As entrevistas são feitas em comum acordo com os entrevistados. O pesquisador deve acercar-se da sua situação, entendê-los na sua complexidade, situando-se sobre suas inquietações, sistematizando os dados e, a partir de então, buscar a articulação na fonte argumentativa. Acreditamos que esses elementos estiveram presentes no processo de investigação da PED I, estendendo-se para laços afetivos/amigos. Quanto à preparação e realização das entrevistas, Alberti (2004, p. 83) orienta:

O roteiro geral de entrevistas deve ser elaborado com base no projeto e na pesquisa exaustiva sobre o tema. Sua função é dupla: promove a síntese das questões levantadas durante a pesquisa em fontes primárias e secundárias e constitui instrumento fundamental para orientar as atividades subsequentes, especialmente a elaboração dos roteiros individuais [...] trata-se de um esforço de sistematizar os dados levantados até então e de articulá-los com as questões da pesquisa.

Desse modo, percorreram-se as vias metodológicas da oralidade, do método qualitativo, por meio de entrevistas semi-estruturadas, abertas, permitindo conhecer a História de Vida de cinco professores formadores em exercício na PED I investigada. A História de Vida possibilitou um encontro com os processos formativos construídos, bem como conhecer as aprendizagens produzidas nas suas experiências docentes vivenciadas, numa dimensão subjetiva e significativa, em especial, na experiência da PED I. Para Oliveira:

História de Vida como teoria metodológica se apresenta como um aporte significativo para o trabalho de investigação com professores, visto que a possibilidade de narrar suas histórias como estudantes, de refletir através de processos de formação continuada os modelos de professores que produzem marcas, constituem-se materiais de formação e autoformação sobre a docência, construídos pelo trabalho da memória (OLIVEIRA, 2003, p. 50).

Os momentos que permitiram a investigação na experiência da PED I merecem agora ser destacados. O primeiro foi dedicado à observação feita aos percorrentes da PED I, diante das atividades entrelaçadas pelo eixo temático “Educação, Tempos e Espaços”. O segundo momento centrou-se no trabalho inovador, momento em que os profissionais foram convidados à realização das entrevistas para além de apontar deficiência na formação do formador. O terceiro contempla a realização das entrevistas e sua revisão pelos próprios docentes. Por último, a escrita dissertativa documenta o “primor” dos momentos.

Do convite aos sujeitos/atores, precisamos dizer do aceite: todos demonstraram interesse e satisfação em serem participantes. Alguns tentaram contribuir até na forma orgânica das entrevistas para que tudo acontecesse de acordo. Foi possível perceber, assim, a necessidade que o formador sente de falar sobre suas inquietações, desejos, desabafos e desafios docentes.

Compreendemos que o momento das entrevistas revelou sujeitos/atores desejosos de revisitar sua docência, de cuidar de si, num tom reflexivo, de aproveitar a abertura dessa participação para pesquisarem-se como formadores de formadores, questionando suas práticas. Compreendemos também que esse questionamento deve ser entendido como processo de formação continuada para o formador. O professor deve ser reflexivo e avançar na prática com o diferente e a PED I proporciona abordagens para além da especificidade da área do formador. Quanto à questão da formação do professor ou da formação continuada, os sujeitos/atores assim manifestaram-se:

O professor deve ter o sentimento, o desejo, a sede de investigar, de ir atrás, de ler, de pesquisar. Isso é formação continuada. [...] Eu tenho que ir atrás dessas coisas que estão surgindo, desses aspectos, desse movimento que, ao mesmo tempo, está me fazendo ser professora, que está influenciando na vida, na sociedade e que eu estou tentando identificar e passar para os meus alunos (SUJEITO/ATOR I).

Uma coisa é a formação acadêmica que é interessante, mas outra coisa é você ser perspicaz, você ser observador, você aprender com a vida, com as experiências [...] A formação do professor é complexa, incompleta, a gente nunca está formado graças a Deus. Nós temos que aproveitar todas as boas experiências (SUJEITO/ATOR V).

[...] existe uma formação permanente [...] nada está acabado [...] Deveria se procurar nesse interesse, nessa expectativa, um estímulo para procurar novos conhecimentos. [...] eu diria que não existe uma formação instituída para o professor e, sim, uma formação permanente e continuada. Esta formação acontece ao longo da vida do professor. [...] acontece também em sala de aula (SUJEITO/ATOR III).

Eu acho que aqui no nosso dia-a-dia deveria ser espaço de formação, dessa nossa produção, de reflexão, de somatório, porque

saberes existem vários, diversificados e muito interessantes, para serem compartilhados. [...] esse para mim é momento de formação (SUJEITO/ATOR II).

Entendemos que todo professor deve estar em formação permanente, continuada. Os sujeitos/atores trouxeram o conceito de que não é apenas a academia a responsável pela formação. Em seu mais recente livro **Formação de Professores para a Educação de Jovens e Adultos**, o pesquisador Barcelos (2006) afirma que até o diálogo com a memória é formação; é processo formativo também estar conectado com os saberes e fazeres, com as diferenças, com o contraditório e com os contrários, com os desejos, com os conhecimentos científicos adquiridos. O cotidiano em compartilhamento também forma.

Refletir sobre a docência é formação continuada. Trabalhar com História de Vida é processo formativo/autoformativo, porque, ao pensar a trajetória, é possível pensar o que se fez e o que poderia ter sido feito na docência, atribuindo outro rumo aos fatos vivenciados. Na consonância entre teoria e prática, os anúncios analíticos da comunidade produtora da argumentação assim são expressos:

Eu precisava colocar em prática o que eu falava, o que estudava, as teorias adquiridas. Como seria frente à questão dos alunos? [...] foi muito difícil estudar e trabalhar, porém muito gratificante, porque, como pesquisadora, já havia feito a minha coleta de dados [...] A prática me ajudou a dar segmento a minha pesquisa e dar forças, dar o fôlego que eu estava precisando (SUJEITO/ATOR I).

Os livros, sim, são teorias, mas a maior teoria é feita pela experiência da vida. Essa é a maior teoria/prática pedagógica. [...] Apresentar um trabalho é apenas uma questão pedagógica, não pode ser considerada uma atividade prática. Prática deve ser aquela, então, que você entre em contato com a realidade lá fora (SUJEITO/ATOR V).

[...] a PED é uma disciplina que suscita reflexão na nossa própria prática. [...] a PED não é uma coisa acabada, acho que a gente tem muito para andar para isso acontecer, a gente investigar a nossa própria prática é uma coisa que leva muito tempo (SUJEITO/ATOR II).

Construir a investigação para além de apontar deficiências na formação do formador é um desafio. Vivemos momentos de “queixas”. Alicia Fernández (1994, p. 108) diz que “a queixa funciona como uma acusação dirigida a alguém e como uma reclamação que espera daquele que escuta a entrega de uma solução mais do que compartilhar o entendimento do problema”. A História de Vida mexe com os saberes construídos, e a PED I é uma disciplina que requer reflexão sobre a prática. Na opinião de Oliveira, a História de Vida reinterpretada, revisitada é produtora de saberes.

Conforme as pesquisas que temos realizado, através das histórias de vida dos professores, tendo a memória como ferramenta, percebemos que as representações sobre a docência, sobre o que é ser professor, construídas durante os processos de escolarização do sujeito, são acionadas no momento em que ele está no espaço da sala de aula. Esta é uma importante peça do quebra-cabeça na tentativa de compreendermos como se produz a professoralidade no espaço acadêmico (OLIVEIRA, 2003, p. 260).

Estas aprendizagens que se dão no grupo, através de outras, mas que operam em nós, pessoas com histórias, trajetórias de vida distintas, e que se encontram num grupo de estudos e pesquisas que partilham, não somente questões acadêmicas, exigem de nós o desejo do diferente, não como uma atitude ingênua, que desconsidera as redes de poder, [...], mas que transita nestas com competência e solidariedade (OLIVEIRA, 2004, p. 101).

O exercício docente gera experiência e essa experiência produz saberes que, remetidos ao processo de reflexão, constroem conhecimentos novos, “sangue” novo para a formação e autoformação. Assim, percebemos que a aprendizagem não se constrói num lugar e num tempo específico, ela é fonte, é nascente, é renovação. A aprendizagem não pode ser poço, deve ser córrego. Estagnada, é letra morta; corrente, é anúncio, é evangelho, é cotidiano: semeia, colhe, cria, recria saberes. A experiência é produtora de saberes a partir do processo reflexivo do professor formador.

Os saberes da experiência são produtos do cotidiano, nas interações, nos fatos sociais, nas leituras reflexivas, na vida, como argumentam os sujeitos/atores em suas falas abaixo. Para os saberes da experiência, que os próprios professores produzem, citamos Tardif:

[...] os próprios professores, no exercício de suas funções, desenvolvem saberes específicos, baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio. Esses saberes brotam da experiência e são por elas validados. Eles incorporam-se à experiência individual e coletiva sob a forma de *habitus* e de habilidades, de saber-fazer e de saber-ser. Podemos chamá-los de saberes experienciais ou práticos (TARDIF, 2002, p. 38-39).

Eu andei por todos os níveis de ensino, tive uma experiência bem grande como docente. A gente enriqueceu e enriquece muito exercendo a função como docente (SUJEITO/ATOR IV).

Eu pude ver a importância que se tem de ser professor, e que a gente leva as nossas vivências, a nossa história de vida para a sala de aula. Somos exemplo (SUJEITO/ATOR I).

As narrativas nos possibilitaram compreender as atitudes, as decisões, as concepções, os comportamentos de cada sujeito/ator em sua individualidade e na coletividade a respeito da construção articuladora da PED I. Por meio do processo de relações interpessoais, constroem-se conhecimentos. As experiências docentes são sim concebidas como produtoras de saberes, de conhecimentos. O formador se constrói ao longo da vida.

### **TINGIDO DE VÁRIAS CORES, TECIDO DE VÁRIOS FIOS – DIMENSÕES MÚLTIPLAS EM INTERLOCUÇÃO TEÓRICA INOVADORA NO ENSINO SUPERIOR**

Há a necessidade de criar espaços para a problematização e a mobilização de teoria e prática, possibilitando a troca de experiência que deu certo entre os pares [...] a experiência inovadora pressupõe uma relação dinâmica entre teoria e prática (LUCARELLI, 2005).

Em Zabalza (2004), há um apontamento relativo às necessidades de reforma no cenário universitário. Esse *locus* envolve a instituição como um todo, os conteúdos, o corpo docente e discente, o fator administrativo. As necessidades configuram-se na ação ativa dos movimentos sociais e nas conseqüentes transformações por eles provocados. Pontuamos as minorias organizadas como gênese de lutas e conquistas na história da humanidade. A universidade deve estar atenta às exigências sociais.

Lucarelli (2005) diz que o desempenho avançado das práticas deve estar dentro e fora da sede acadêmica, envolvendo a academia e a sociedade em dispositivos metodológicos de ensino, pelos quais possa construir uma formação de habilidades complexas próprias da profissão,

embasada em aspectos cognitivos. Referenda que se devem criar espaços para a problematização e mobilização da teoria e da prática possibilitando as trocas para o desenvolvimento de experiências inovadoras. A PED I em investigação objetivou essa dinâmica.

Como conseqüência da insatisfação social, principalmente no que diz respeito ao mercado de trabalho e à qualidade da formação, tenta-se buscar na universidade uma resposta para essa situação inquietante. Com esse compromisso legitimado, vindo das representações sociais e das obrigações atribuídas, chega o momento da instituição superior [re]pensar suas teorias e práticas, tanto na obliquidade do cenário quanto dos protagonistas que a compõem.

Lucarelli (2005) aponta ainda para problemas com que se defrontam as universidades neste milênio. Os problemas anunciam-se através das exigências de formação para os profissionais em função de um mercado restrito, e de um estado (governo) que se compromete cada vez menos com o processo de formação. Esses são desafios da sociedade de consumo contemporânea e das novas tecnologias de informação que influenciam o ensino superior.

Considerando a contribuição de Cunha (2000), o estudo das inovações universitárias requer alguns cuidados, especialmente os de natureza conceitual. Diz a autora que a divisão e a fragmentação do conhecimento estão presentes no ensino superior e ainda não foi possível fazer a união das disciplinas. O ensino superior pode ir além dessa junção necessária, porque há possibilidade de unir as disciplinas e produzir o conhecimento entre as áreas, num sistema de troca de saberes, em que todos saem com expressivos ganhos.

A divisão do conhecimento em especialidade já está construída pela compreensão positivista da ciência. O projeto político completou esta dimensão com a divisão da estrutura de poder, fracionando o que até hoje temos sido pouco capazes de unir: teoria e prática; conhecimento pedagógico e conhecimento científico; ensino e pesquisa... Esse fracionamento na formação dos professores vem sendo agravado se considerarmos que o terreno político da nova ordem econômica vem sofrendo profundas modificações desde finais dos anos setenta (CUNHA, 2000, p. 138).

Pensar em propostas inovadoras na formação e na produção do conhecimento que comunguem com as exigências do mercado econômico/social é necessário. Talvez possamos pensar também na superação da fragmentação do conhecimento (MORIN, 2003), partindo da confluência das disciplinas. A PED I fez, no primeiro semestre de 2005, essa articulação por meio de seu eixo temático de interesse.

Toda a inovação deve ser estudada e analisada, ganhar corpo para, depois, ser institucionalizada. Ao estudarmos, analisarmos e debatermos a realidade da universidade, estamos mais próximos de como melhorar a qualidade do trabalho no ensino superior, pois

a formação é cada vez mais necessária e profunda à medida que as atividades tornam suas exigências mais complexas [...] a presença universal do aspecto formativo e sua incorporação à dinâmica do dia-a-dia da vida das pessoas trouxeram consigo efeitos relevantes (ZABALZA, 2004, p. 36).

A formação é necessária para qualificar as pessoas nas questões humanas, no conhecimento e nas habilidades cotidianas, enriquecendo as experiências. Essas experiências devem ser prazerosas, empíricas, coletivas, capazes de favorecer a inter-relação entre as áreas do conhecimento, contemplando os fenômenos que

constituem a sociedade. Correia (1989) afirma que a universidade, para saber estar no mundo em constante transformação, precisa, ela mesma, estar em constante movimento. Ela precisa mudar a si própria.

A instituição, em uma sociedade em movimento nos trâmites das transformações, deve mover-se por si só. Nesse fluxo, esta experiência inovadora pode apresentar propostas desafiadoras à universidade. Segundo Cunha (2000, p.134), “as experiências inovadoras na educação brasileira se acentuaram no contexto histórico-social dos anos 1960”, no ensino superior, em relação à produtividade e à eficiência da universidade. A autora (1998, p. 20) afirma ainda que “as repercussões desse processo evolutivo de pensar o conhecimento e de reorganizar as ciências estão trazendo profundas alterações no mundo contemporâneo e, conseqüentemente, para a universidade”. Aponta para a idéia de que investigar experiências inovadoras localizadas, em processos novos, pode ser uma interessante alternativa ao ensino superior.

Lucarelli (2000) afirma que a inovação universitária é metodologia que rompe com as didáticas vigentes, com os conteúdos, as estratégias, as relações entre instituição/ alunos/ professores, os propósitos, a superação da fragmentação disciplinar, propiciando formação por meio da metodologia de projetos.

Os pesquisadores anunciam que as universidades estão discutindo e implantando reformas curriculares, em todos os níveis, com o objetivo de atender às demandas da sociedade. Devemos mencionar que os aportes da competitividade e da produção, num contorno globalizado, acenam para uma formação mais exigente.

O professor formador precisa aceitar o desafio de um trabalho compartilhado, estar comprometido com o processo contínuo e permanente de sua formação e autoformação, estar disposto a romper com o tradicional e se lançar para além da “terra firme”, ou seja, para além de suas limitações. Quanto à PED I, como inovação no ensino superior, os sujeitos/atores manifestaram-se do seguinte modo:

Se tu olhares para a grade curricular e pensar que existe uma disciplina chamada PED durante oito semestres do curso, com eixos temáticos diferentes, onde o professor precisa sentar coletivamente para construir o caminho em que esses eixos temáticos possam andar, inovou totalmente (SUJEITO/ATOR IV).

Tenho a ótica de que a PED é uma inovação sim: várias experiências, tantos textos que precisa juntar, os alunos precisam entender que todas as disciplinas são complementares umas das outras, que tudo é uma ciência: há uma visão histórica, há uma visão psicológica, há uma visão econômica em educação (SUJEITO/ATOR III).

[...] a PED é “a” inovação, não é uma, é “a” inovação. No início eu tinha receio, mas hoje eu acredito muito, eu acho que é uma coisa que tem tudo para dar certo: como princípio de idéia, como prática diferenciada, como possibilidade de troca interdisciplinar e interpessoal, eu penso que é a grande inovação do curso (SUJEITO/ATOR II).

### **PROCESSO APRENDENTE DO PROFESSOR FORMADOR NO SABOR/SABER DO COMPARTILHAMENTO: PED I COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO COLETIVA DO CONHECIMENTO**

É quem abraça a causa e tem participação assídua que consegue crescer na PED e fazer a PED crescer. Agora, se tiver uma participação eventual, se não se comprometer, vai ser mais difícil enxergar os avanços nessa construção (SUJEITO/ATOR II).

O professor formador se forma e se transforma a partir de suas concepções de professoralidade, de profissionalização, a partir de sua competência, de sua identidade. Para Oliveira (2003), é importante a reflexão de quem é o professor universitário e como tem produzido sua profissionalização. É importante também conhecer os saberes constituídos na trajetória docente, olhando para as práticas, atitudes, teorias, experiências mobilizadas. O professor se produz ao longo de sua história de vida.

No entendimento de Isaia e Bolzan (2005), a expressão “professoralidade” é um processo que implica não só o domínio do conhecimento, de saberes, de fazeres de determinado campo, mas também a sensibilidade do docente a respeito de atitudes e valores no tocante ao ato de ensinar e de aprender. Diante desse mapa, está também a questão do formar-se e desenvolver-se na profissionalização, instaurando-se ao longo de um percurso que pode englobar situações e problematizações pessoais e profissionais, na trajetória da formação.

O professor necessita apresentar domínio de um conjunto de saberes diversificados, ver-se no encontro consigo mesmo dentro da sala de aula. Há um repertório de saberes pedagógicos, de saberes experienciais, de saberes profissionais que precisa ser sistematizado para aprender a profissão docente, segundo Oliveira (2003). Dessa forma, o professor vai entrando no processo da profissionalização. Para Pereira (2004, p. 97-98):

Profissionalidade é uma marca produzida no sujeito, ela é um dispositivo de organização da prática subjetiva. [...] a marca é um traço, um vinco produzido na superfície de sua subjetividade que contamina suas formas de ser. [...] A profissionalidade é uma marca que detecto, é o jeito, o modo de ser que temos alimentado, como via fundamental, tanto para navegar em vias individuais tanto para colocar-se dentro da coletividade.

Ao compartilhar o sabor do saber coletivo, o formador vai construindo conhecimento, vai se autoformando, tece identidade e se torna aprendente para além da sua especificidade. De acordo com Isaia e Bolzan (2005), são necessários espaços institucionais - no Ensino Superior - voltados para a construção de uma identidade coletiva de ser professor, nos quais o compartilhamento de experiências, de dúvidas, de desejos, da otimização, do auxílio mútuo favoreçam a construção do conhecimento pedagógico/metodológico e o exercício dessa professoralidade.

Ao exercer a profissionalização no desejo da competência, o professor formador precisa estar em processo de reflexão/ação educativa, percebendo o que é necessário construir no seu ato docente. Dentro dessa perspectiva, os sujeitos/atores põem em análise seus anseios, seus desejos e seus desabafos diante do exercício docente na disciplina inovadora: PED I.

[...] na verdade, nós ainda temos uma cultura extremamente disciplinar, e para romper com essa cultura é bastante difícil, porque exige que você deva expor o seu conhecimento disciplinar e compartilhar esse conhecimento com seus colegas, tentando realmente relacionar o que existe de comum na sua disciplina, construindo um conjunto de saber interdisciplinar (SUJEITO/ATOR II).

[...] poder olhar os diferentes pontos de vista, compreender que eu não tenho a verdade. A minha disciplina é um pequeno espaço de produção do conhecimento. Esses conhecimentos são construídos no coletivo, a partir de outros pontos de vista, respeitar o ponto de vista dos outros, aprender que pode se pensar sobre uma mesma situação de outras maneiras, diversa, sem entrar em conflito (SUJEITO/ATOR IV).

O professor não está informado sobre a área de competência do colega. Não conhece o estudo e a profundidade do que o outro aborda na sua disciplina. [...] nós todos vimos esse pouco de atenção de uma forma diferenciada, precisaríamos vê-la de uma forma conjugada entre uma e outra disciplina. [...] É a convivência entre docentes e alunos que leva ao surgimento da fraternidade, de uma relação mais humana, não apenas administrativa, profissional (SUJEITO/ATOR III).

Embora concedido um espaço para as queixas, o querer inovar, a contribuição mútua, a preocupação com outras áreas do conhecimento aparecem com maior ênfase. É necessário que esse caráter diferenciado, nos moldes da troca de saberes e da prática reflexiva, venha a ser pilar para que essa disciplina articuladora seja apropriada no curso, pois é interessante para as práticas docentes.

O espaço da PED I é onde se consegue fazer uma interlocução entre os colegas, embora seja difícil de acontecer. Isso porque envolve outras questões para além da vontade do professor, como anunciam as vozes dos entrevistados, implicando uma mudança de cultura, de pensar a relação colegas/colega, professor/aluno. O sujeito/ator II demonstra preocupação com o objetivo da PED I na citação: “Fazer tudo isso acontecer na realidade é um exercício que tem muito que mexer: se de fato conseguimos nos despir desse saber que, por excelência, sempre foi disciplinar”, a experiência inovadora pode ser de apropriação no Curso e ser espaço em que o formador aprende.

A mesma voz da preocupação, do questionamento, até da desesperança se acende para a possibilidade, para o otimismo, para a grande valia; e outras vozes chegam com a certeza de que tudo vale a pena se acreditar no que foi realizado. A inovação vai se configurando.

Esse olhar diferenciado do professor, esse novo olhar, não fragmentado, mas num olhar de conseguir engajar diferentes disciplinas, talvez numa forma interdisciplinar é necessário para construir conhecimento [...] As reflexões que se faz aqui, ajuda a formar o professor formador (SUJEITO/ATOR I).

Então, tanto os nossos momentos particulares, individuais quanto os encontros com os nossos alunos se pode considerar situações de troca de conhecimento [...] o caminho mais complexo que a gente tem é sentar, enquanto grupo, e articular todo aquele momento de construção (SUJEITO/ATOR IV).

[...] saberes existem muitos para serem compartilhados, o saber em si é letra morta. O que dá vida ao saber é esse movimento de querer compartilhar, de fazer a troca [...] A PED I possibilitou a gente se olhar como professor, como colega, como Centro de Educação. Eu faço tudo para que a PED dê certo (SUJEITO/ATOR II).

Nos encontros de observação, os professores formadores começam a se mostrar frente ao processo inovador, demonstram motivação, abertura e otimização a propostas inovadoras de compartilhamento; poucas são as demonstrações reticentes, sem perspectiva, desacreditadas. Porém, os que as têm também sentem a necessidade de se entrelaçar na inovação. A inovação exige planejamento coletivo, e esse planejamento faz com que o professor formador aprenda sim na PED I.

Para Isaia e Bolzan (2005, p. 05), a ação autoformativa, desenvolvida pelos docentes em suas relações interpessoais, envolvendo alunos, colegas e contexto universitário no qual se inserem, revelando as concepções de seu fazer pedagógico, é altamente qualitativa na construção do conhecimento no ensino superior. Segundo as pesquisadoras, “o docente precisa colocar-se como alguém que também aprende

com seus alunos, compreendendo seus modos de construção e suas rotas cognitivas”. Reali e Mizukami (1996, p. 64) contribuem com o fenômeno “professor como aprendiz”:

Os processos de aprender a ensinar e de aprender a profissão, ou seja, de aprender a ser professor, de aprender o trabalho docente, são processos de longa duração e sem um estágio final estabelecido a priori. Tais aprendizagens ocorrem, grande parte das vezes, nas situações complexas que constituem as aulas. [...] professores enfrentam interesses e exigências que continuamente competem entre si e as decisões tomadas. A profissionalização é concebida como desenvolvimento profissional como resultado de um processo de aquisição de competências, tanto de eficácia no ensino como de organização do processo de ensino-aprendizagem.

A construção contínua dos saberes não ocorre de forma isolada, ela se dá nas parcerias, segundo Mizukami (2002), entre pessoas que estão em diferentes níveis de desenvolvimento profissional, em diferentes posições culturais. A pesquisadora aponta que os desafios devem ser vencidos coletivamente, num processo interdisciplinar. Os sujeitos/atores também compactuam a idéia de um professor ser aprendiz no exercício de sua docência, e que essas aprendizagens são grandes ganhos para o professor formador.

[...] o quanto para mim foi significativo se expressa no poder aprender com os meus colegas numa construção de uma disciplina no coletivo. [...] para mim, a PED é um grande momento de aprendizagem [...] Com os alunos também se aprende (SUJEITO/ATOR III).

A grande dificuldade é também da gente se abrir, sentar e expor as diferenças e entender que dessa reflexão coletiva possa ter conflitos, que esses conflitos é um aprender, é um crescimento. [...] o caminho mais complexo, enquanto grupo,

é articular o momento de construção [...] na passividade, na cópia e reprodução de como as coisas estão postas, a gente não chega a aprender. [...] a PED é um ganho, basta que você esteja disposto, aberto, “desarmado” para tal (SUJEITO/ATOR IV).

[...] eu só ganhei em todos os momentos, mesmo que, em alguns encontros, tenha tido situações de tensão, mas eu acho que a tensão é interessante para a gente repensar os pontos que tão arduosamente temos como que cristalizados dentro de nós. Eu aprendi muito com os meus colegas, eu ganhei com isso [...] os ganhos para mim são visíveis, eu só ganhei, sou aprendente com a PED I (SUJEITO/ATOR II).

Na tentativa de participar do debate sobre como o professor universitário se constrói docente, como ele vai se produzindo docente, é de forma colaborativa que se apresentam as experiências pelas quais o profissional se dispõe “a ser atravessado”, a ser desafiado, produzindo um processo formativo e por que não dizer autoformativo como acontece no processo da PED I. A inserção num espaço/tempo propiciador de experimentações inovadoras, como se configura a PED I investigada, é lugar certo de aprendizagens para o docente do ensino superior.

### **“ACHADOS” DA PESQUISA: PRODUTO DAS NARRATIVAS EM FENDAS CONCLUSIVAS**

Na pesquisa investigativa, analisamos a disciplina inovadora do Curso de Pedagogia dos Anos Iniciais e da Educação Infantil da UFSM (PED I), como proposta articuladora entre as demais disciplinas do semestre num processo aprendente. Essa aprendizagem acontece na experiência pedagógica interdisciplinar, entre os professores formadores, através do eixo temático “Educação, Tempos e Espaços”.

A PED I investigada é vivência de formação e autoformação para o formador, constituindo-se

numa experiência inovadora interdisciplinar em que se aprende. Trata-se de uma disciplina em construção, que ganhou corpo nos encontros de planejamento, dentro de um processo de compartilhamento de saberes, de troca de experiência entre os pares, da junção da teoria com a prática, da coletividade: um momento de formação. Essa formação deve ser aberta, flexível, contínua, permanente e concretizada no cotidiano e na experiência docente.

A História de Vida, como parte da metodologia investigativa, possibilitou-nos o conhecimento dos processos formativos dos formadores, oportunizando a eles a reinterpretação de suas experiências a partir da reflexão sobre sua prática. Essa reflexão leva o formador à autoformação. Entendemos que as experiências docentes, anteriores ao ingresso à docência no ensino superior, refletidas e analisadas, são produtoras de saberes e de novos conhecimentos. Por isso elas são importantes e necessárias para o exercício docente no ensino superior

Outro achado da investigação é o que diz respeito aos grupos de pesquisa como espaço de aprendizagens do professor formador. Isso é apontamento relevante para os sujeitos/atores da pesquisa, assumindo que a participação nesses grupos é processo de aprendizagem para o formador. Há o reconhecimento de que o espaço articulador em questão (PED I) é de caráter interdisciplinar, imbricando em situações relevantes no que tange ao processo de aprendizagens.

Os sujeitos/atores da pesquisa apontaram grandes ganhos ao trabalharem a experiência articuladora interdisciplinar por meio de eixos temáticos de interesse. Diante desse dispositivo, compreendemos que uma proposta metodológica inovadora, a exemplo da PED I, é experiência teórico-metodológica que se constitui em processo aprendente para o formador.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BARCELOS, V. **Formação de professores para educação de jovens e adultos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- BRASIL/CNE. **Diretrizes curriculares para a formação de professores**. 2002.
- CORREIA, J. A. **Inovação pedagógica e formação de professores**. Porto, Portugal: Asa, 1989.
- CUNHA, M. I. Inovação como perspectiva emancipatória no ensino superior: mito ou possibilidade? In: CANDAU, V. M. (org). **Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- \_\_\_\_\_. **O professor universitário na transição de paradigma**. Araraquara, SP: JM, 1998.
- ISAIA, S. Formação do professor do ensino superior: um processo que se aprende?. Dossiê: Formação de Professores e Profissionalização Docente. In: **Revista do Centro Educação**, Santa Maria, RS, v. 29, n. 2, p. 51-66, 2004.
- \_\_\_\_\_. Aprendizagens docentes no ensino superior: construção a partir de uma rede de interação e mediação. UNISINOS – **VERS – O – FINAL** - 05[1], 2005.
- LUCARELLI, E. Enseñar y aprender en la universidad: la articulación teoría-práctica como eje de la innovación en el aula universitaria. In: CANDAU, V. M. (org). **Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- \_\_\_\_\_. Um desafio institucional: inovação e formação pedagógica do docente universitário. In: CASTANHO, S.; CASTANHO, M. E. L. M. (orgs.). **O que há de novo na educação superior – do projeto pedagógico à prática transformadora**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2000.
- \_\_\_\_\_. Una investigación en proceso: La formación de aprendizajes complejos en la universidad. Programa Estudios sobre el aula universitaria. Instituto de investigaciones en Ciencias de la Educación. Universidad de Buenos Aires. **Anais... IV Congresso Internacional de Educação**, UNISINOS, São Leopoldo, RS, 2005.
- MARQUES, M. O. **Educação nas ciências: interlocução e complementaridade**. Ijuí, RS: Unijuí, Coleção Fronteiras da Educação, 2002.
- MIZUKAMI, M. G. N. et al. **Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação**. São Carlos: UFSCar, 2002. 203p.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 4. ed., Lisboa: Instituto Piaget, 2003. [Epistemologia e Sociedade].
- OLIVEIRA, V. F. et al. O oral e a fotografia na pesquisa com professores. In: **Anais... II Seminário Internacional: as redes de conhecimento e a tecnologia: imagem e cidadania**. Rio de Janeiro: UERJ, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Imagem de professor: significações do trabalho docente**. 2. ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2004.
- \_\_\_\_\_. Imaginário, representações sociais e formação de professores(as): entre saberes e fazeres pedagógicos. Dossiê: formação de professores e profissionalização docente. In: **Revista do Centro Educação**, Santa Maria, RS, v. 29, n. 2, p. 51-66, 2004.
- \_\_\_\_\_. Docência orientada: aprendizagens compartilhadas no ensino universitário. In: **Olhar de professor – Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino**, ano 7, n. 1. Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR: UEPG, 2004.
- \_\_\_\_\_. As xícaras amarelas: imaginários e memória de uma rede de pesquisa. In: PERES, L. M. (org.). **Imaginar – O “entre saberes” do arcaico e do cotidiano**. Pelotas: RS, UFPel, 2004.
- \_\_\_\_\_. Educação, memória e história de vida: uso da história oral. **História oral. Revista da Associação Brasileira de História Oral**, v. 8, n. 1, jan./jun., 2005. São Paulo: Associação Brasileira da História Oral, 2005.
- PEREIRA, M. V. Subjetividade e memória: algumas considerações sobre formação e autoformação. **Imagem de Professor: significações do trabalho docente**. 2. ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2004.
- PRISE. Programa de reformas e inversiones en el sector educación. **Manual de gestión para la elaboración, ejecución y evaluación de proyectos innovadores en la provincia de Misiones**. Misiones, Argentina: Cigram Imprenta, 1999.

PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO. **Resolução CNE/CP 02/2002**. Curso de Pedagogia – Educação Infantil – Licenciatura Plena/UFSM/CE. Estratégias Pedagógicas, 2002.

QUINTANA. M. **Apontamentos de história natural**. [SI], 1976.

REALI, A.; MIZUKAMI, M. G. **Formação de professores**. São Carlos, SP: UFSCar, 1996.

ZABALZA, M. A. **O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.